



Revista de Imprensa

Traça Madragoa

Quarta-feira, 18 de Outubro de 2017

ÍNDICE

Título	Fonte	Data	Pág./Hora	
Pelas ruas da Madragoa, os velhos filmes lá de casa reinventam-se	Público	14-10-2017	32	
Arquivos familiares em exibição	Destak	13-10-2017	2	
Artistas esmiuçam arquivos familiares de gente de Lisboa	Diário Notícias	13-10-2017	37	
História(s) são todas	i	13-10-2017	34/35	



Público

14-10-2017

Periodicidade: Diário
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 51453

Temática: Sociedade
Dimensão: 1147 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 32

Pelas ruas da Madragoa, os velhos filmes lá de casa reinventam-se

São olhares da Madragoa gravados em películas. A Traça – 2.ª Mostra de Filmes de Arquivos Familiares – está na rua para construir um mapa da cidade desenhado por memórias de quem nem sempre teve voz na História

Lisboa

Cristiana Faria Moreira

A Rua de São Félix tem calçada e carros estacionados dos dois lados. Da janela a dona Maria Manuela, que usa calças pretas com vinco e sapatos cinzento claro fechados, vê a vizinha a estacionar o carro e acená-lhe. Conversam sobre o prédio em ruínas ali ao pé que haverá de ser mais um *hostel*. Mas nesta rua também há miúdos, cocô de cão e uma trepadeira farfalhuda. E há muitas histórias de vida, das que podem até nem fazer História mas que dão vida a uma cidade.

Esta é a *Rua de São Félix*, onde ainda mora Maria Manuela Sousa, "que já deve ter entrado nos 70" aos olhos da artista Raquel André. Entre os filmes em Super 8 que a Dona Manuela entregou ao Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca, e que tinham sido filmados pela mãe, a artista "conectou-se" com a película daquela rua.

A uma hora tardia de uma noite de domingo e com um quadro de ardósia e giz, a artista começou a "criar esse imaginário de como seria se a dona Maria Manuela filmasse a rua". É isso que vemos na peça que Raquel preparou para a segunda edição da mostra de cinema amador e familiar da Traça, que saiu ontem à rua para afiar até amanhã.

Este ano, o bairro da Madragoa é o epicentro da "cidade imaginada pelos filmes de família na cidade real", dizem as organizadoras da mostra, Inês Sapeta Dias e Fátima Tomé. Para, mais uma vez, "abrir a escrita da história a quem normalmente não tem acesso e contrapor à história oficial a história dos pequenos acontecimentos, dos gestos e da vida das pessoas", diz Inês.

A mostra arrancou ontem com um passeio pelo bairro com filmes de origem desconhecida, em emissão contínua, que vão ser exibidos em espaços como o Regimento de Sapadores de Bombeiros, Esperança Atlético Clube ou Vendedores de Jornais Atlético Clube, Torrefacção Flor da Selva ou o Lavadouro das Francesinhas.

O que é que se escolhe para ficar



As películas familiares são aproveitadas para as criações artísticas

como arquivo? Quanto disto é realidade? Quanto disto são realidades atraçoadas pela memória?

"Aqui o que as pessoas nos dizem sobre as suas imagens ou dos seus pais vai variando muito de dia para dia, a memória confunde-se muito com a imaginação e nós projectamos muitas coisas nossas nos filmes dos outros", nota Inês. Afinal, o trabalho dos artistas que foram convocados para fazer parte da mostra não está assim tão longe do das pessoas.

A Traça quer ir habitando os bairros da cidade, trabalhando as memórias e misturando-as com outras áreas artísticas. Na primeira edição, convadiram sete realizadores, abriram-lhes o arquivo "para criarem objectos novos" – sete curtas-metragens – a partir dos velhos filmes para manter o arquivo "vivo e em movimento". Agora, são as artes performativas. Pelas mãos do Espaço Alcantara, o teatro e a dança contemporânea foram trazidos para o evento por oito artistas que trabalharam seis peças a partir dos filmes de família.

A importância da memória

A memória como construção foi o caminho que a actriz Isabel Abreu quis explorar na peça que criou para a Traça, *Até Descobrir o Voo no Mar*.

Quando Isabel Abreu viu as imagens do arquivo de Maria Manuela Sousa, deteve-se na imagem de um pai e filha que brincavam na praia, com mergulhos repetidos no mar.

A actriz, que teve aqui oportunidade de estar no papel de criadora pela primeira vez, quis explorar a força da repetição na sedimentação da nossa memória. A esse pai e filha, projectados na tela em *loop*, Isabel juntou-lhe depoimentos que recolheu junto de moradores da Madragoa.

Pelos palcos do bairro como o Centro Comunitário da Madragoa, o Instituto Hidrográfico, o Espaço Alcantara, ou o Palácio do Machadinho, além de Raquel André e Isabel Abreu, vão passar Alex Cassal, Sofia Dinger, Sofia Dias & Vitor Roriz e Jorge Silva Melo & Miguel Aguiar que se misturam nas próprias histórias, constroem e desmontam memórias. Afinal, quantas interpretações po-

dem ter as velhas lembranças que estiveram anos guardadas em caixas no sótão da nossa memória?

Algures no tempo, os da terra, ou os que estavam de passagem, eternizaram a Madragoa em imagens. Agora, a Traça chega para as mostrar a quem ainda lá está, mas também a quem continua só de passagem. Foi assim há dois anos no bairro do Castelo, continuará a ser assim num outro bairro, para descobrir a cidade que está nestes filmes.

"Há dezenas de coleções à espera de serem digitalizadas", diz Fátima Tomé, depois de há uns anos Joaquim Mendes, que era projecionista na Videoteca (integrada no Arquivo Municipal de Lisboa em 2011), ter começado a transcrever as bobines que muitos lhe faziam chegar. Eram filmes "órfãos", arrumados num canto de um sótão, porque os materiais se tornaram tão obsoletos que deixaram de ter uso. Ou então eram deixados na rua, perdidos em caixotes onde se despejam as coisas dos velhos que morrem.

As imagens foram-se acumulando ao longo dos anos. "Havia imagens misteriosas", diz Fátima. Era preciso descobrir quem eram aqueles anônimos dos vídeos e por isso a Traça apareceu para tratar os filmes "pela estética e não só pelo documento", diz Inês Dias.

Além das *performances*, haverá ainda espaço para debates e conversas sobre os filmes, que serão comentados pela escritora Maria Filomena Molder e pelo poeta Daniel Jonas. Amanhã, as exibições de ontem e de hoje serão repetidas. A entrada é livre, mas para assistir aos espectáculos é necessário levantar a senha 30 minutos antes do início, no próprio local.

No meio de horas de imagens perdidas, o desafio agora é que os seus autores, protagonistas ou herdeiros se reconheçam nas vidas que foram gravadas há décadas: "Espera lá, já vi esta cara nalgum sitio." **com Vera Moutinho**

cristiana.moreira@publico.pt

Ver vídeo em www.publico.pt

**Destak**

13-10-2017

Periodicidade: Diario	Temática: Sociedade
Classe: Informacão Geral	Dimensão: 25 cm ²
Âmbito: Nacional	Imagen: N/Cor
Tiragem: 56000	Página (s): 2

Arquivos familiares em exibição

A TRAÇA - 2^a Mostra de Filmes de Arquivos Familiares, organizada pelo Arquivo Municipal de Lisboa - Videoteca em colaboração com o Alcantara, realiza-se a partir de hoje, e até domingo, no Bairro da Madragoa.

Periodicidade: Diário
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 56361

Temática: Cultura
Dimensão: 1061 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 37



Um pormenor do ensaio de Alex Cassal, um dos artistas convidados para trabalhar os filmes caseiros do Arquivo Municipal de Lisboa

Artistas esmiúçam arquivos familiares de gente de Lisboa

Mostra. Seis *performers* trabalharam coleções de filmes familiares que estão guardados no Arquivo Municipal de Lisboa. O resultado pode ser visto na Madragoa hoje, amanhã e domingo

LINA SANTOS

Traça – Mostra de Filmes de Arquivos Familiares é um encontro, entre registos de imagens caseiros e *performers*, entre o Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca (AML) e o Espaço Alkantara. O encontro deu-se “literalmente na Madragoa”, responde Thomas Walgrave, diretor artístico do Espaço Alkantara, sediado neste bairro lisboeta, que recebe hoje, amanhã e no domingo a segunda edição deste projeto.

Inês Sapeta Dias, uma das responsáveis, explica as premissas da bienal Traça. A primeira foi em 2015, no Castelo de São Jorge. “Vamos ocupando sempre um sítio diferente da cidade, onde espalhamos estes filmes, em espaços importantes para as comunidades desses territórios.” Na Madragoa, o ponto de encontro é o centro comunitário, as sessões e performances espalham-se por outros locais emblemáticos como a Sociedade Guilherme Cossoul, o Museu da Marioneta, o Instituto Hidrográfico, a Torrefação Flor da Selva, o Palácio Machadinho ou o próprio Espaço Alkantara.

A segunda premissa do projeto, explica Inês Sapeta Dias ao DN, é “trabalhar sempre com artistas de zonas artísticas diferentes, entregando imagens para que as trabalhem e criem novos objetos com elas”. No primeiro ano, foram realizadores, neste ano artistas da zona das artes performativas: Alex Cassal, Sofia Dinger, Sofia Dias & Vitor Roriz, Raquel André, Isabel Abreu e Jorge Silva Melo & Miguel Aguiar. “Fiz uma longa lista de artistas que trabalham memória, arquivo ou com uma ligação profunda com a cidade”, conta Thomas Walgrave. O ponto de partida foi um *workshop* de três dias em que viram o material pela primeira vez. Depois, cada um fez o seu trabalho de casa, nota Thomas Walgrave. “Alguns fizeram com vontade de aprofundar o material que viram no *workshop*, a Isabel Abreu fez pesquisa no campo”, elenca.

Os artistas convidados trabalharam as coleções de filmes de Maria Manuel de Sousa (Lapa, anos 1950), Acácio de Carvalho (Madragoa, anos 1990) e Luísa Crick (Lisboa, anos 1950 a 1980). A coleção de Acácio de Carvalho resultou de uma

procura ativa do Arquivo na Madragoa. “Acreditamos que mais vão surgir depois da mostra”, afirma Fátima Tomé, outra responsável da Traça.

“O trabalho incrível que a Fátima e a Inês fazem é muito mais do que engraçado. É perceber que a cidade é o que é porque tem esta relação com o passado, que não são só os desfiles da rainha da Inglaterra, mas também os bastidores, a história íntima, o homem que filma e não a mulher, ou quando é a mulher isso se quer revolucionário. O que é que isto quer dizer? Eu aprendi muito sobre a cidade olhando os filmes”, afirma Thomas Walgrave.

Filmes de família como no cinema
 Nesta edição, uma das propostas é um percurso pelo bairro com filmes de origem desconhecida que vão ser exibidos em locais como o Regimento de Sapadores de Bombeiros, Esperança Atlético Clube ou Vendedores de Jornais Atlético Clube. “Que o visitante ocupe o lugar do arquivista e que nesses filmes que vão estar espalhados por todo o bairro comece a identificar ligações entre as pessoas”, desafia Inês Sapeta Dias. “Estes filmes chegaram-nos

desarrumados aqui ao arquivo”, conta Inês Sapeta Dias. “Foram encontrados em feiras, no lixo, sótãos, outros já estavam acumulados aqui na videoteca e foram digitalizados de modo bastante improvisado. Isto não era o arquivo oficial.”

Essa é a gênese deste arquivo de filmes familiares que agora está nas mãos do AML. “As pessoas já não conseguiram ver os filmes e um projecionista que trabalhava cá fazia esse trabalho para poderem voltar a vê-los”, continua Inês Sapeta Dias. “Devolviam-as às pessoas sem ficar com grandes notas sobre eles”, continua a responsável, explicando que um dos trabalhos é agora encontrar estas pessoas – os autores, protagonistas ou herdeiros. “Muitas delas já estão encontradas, mas ainda faltam algumas, e são esses filmes que vamos espalhar pela Madragoa.”

“É a memória íntima da cidade, faz um retrato do passado, que escapa a qualquer fonte oficial”, nota Thomas Walgrave, a propósito deste material. Reforça Inês: “É a dobra da história.” Começa hoje às 17.30 no Centro Comunitário da Madragoa.

PROGRAMA

Hoje

- 17.30 | Percursos com moradores
- 17.30 | Anatomia do gesto instalação vídeo (Cossoul)
- 17.30 | Filmes de origem desconhecida (em contínuo)
- 19.00 | Conversa território
- 21.00 e 21.30 | Alex Cassal *Fantasmas* (Capítulo 1) (Instituto Hidrográfico)
- 21.00 | Sofia Dinger *Histórias de Um Amor* (Espaço Alkantara)
- 21.30 | Proj. da coleção Luísa Crick
- 21.45 | Sofia Dias & Vitor Roriz *De um Lado e do Outro* (Espaço Alkantara)
- 21.45 | Raquel André *Rua de São Félix* (Hidrográfico)
- 22.30 | Isabel Abreu *Até Descobrir o Voo no Mar* (Centro Comunitário da Madragoa)
- 22.30 | Jorge Silva Melo & Miguel Aguiar *Eu Fui Mexer nas Coisas Todas* (Palácio do Machadinho)

Amanhã

- 17.00 | Anatomia do gesto, instalação vídeo até às 21.30
- 17.00 | Filmes de origem desconhecida (em contínuo)
- 18.30 e 19.00 | Alex Cassal *Fantasmas* (Capítulo 2)
- 18.30 | Sofia Dinger *Histórias de um Amor*
- 18.45 | Projeção da coleção Acácio de Carvalho
- 19.20 | Sofia Dias & Vitor Roriz *De um Lado e do Outro*
- 19.20 | Raquel André *Rua de São Félix*
- 19.45 | Projeção de filmes de origem desconhecida, comentada por Maria Filomena Mólder
- 21.15 | Projeção da coleção Maria Manuela de Sousa
- 21.30 | Isabel Abreu *Até Descobrir o Voo no Mar*
- 21.30 e 22.00 | Jorge Silva Melo & Miguel Aguiar *Eu Fui Mexer nas Coisas Todas*
- 22.30 | Projeção com as leituras, por Daniel Jonas (Cossoul)

Domingo

- 16.00 | Anatomia do gesto (Cossoul)
- 16.00 | Filmes de origem desconhecida (em contínuo)
- 16.00 | Isabel Abreu *Até Descobrir o Voo no Mar*
- 16.45 | Sofia Dias & Vitor Roriz *De Um Lado e do Outro*
- 17.30 e 18.00 | Alex Cassal *Fantasmas* (Capítulo 3)
- 18.30 | Raquel André *Rua de São Félix*
- 19.15 | Sofia Dinger *Histórias de Um Amor* (Espaço Alkantara)
- 20.00 e 20.30 | Jorge Silva Melo & Miguel Aguiar *Eu Fui Mexer nas Coisas Todas* (Palácio do Machadinho)
- 20.30 | Jantar Comunitário (Lavadouro das Francesinhas)
- 21.30 | Conversa performance/arquivos familiares (Lavadouro das Francesinhas)



i

13-10-2017

Periodicidade: Diária **Temática:** Cultura
Classe: Informação Geral **Dimensão:** 1802 cm²
Âmbito: Nacional **Imagem:** S/PB
Tiragem: 80000 **Página (s):** 34/35



Festival

TRAÇA. História(s) são todas

À segunda edição, a TRAÇA - Mostra de Arquivos Familiares muda-se para a Madragoa para três dias de viagem por uma série de filmes de família – e um conjunto de performances construídas sobre essas coleções

CLÁUDIA SOBRAL
claudia.sobral@ionline.pt

"Perder uma fotografia é perder um momento duas vezes." Palavras de Daniel Jonas no poema "Nostalgia" ("Passageiro Frequent", ed. Lingua Morta, 2013) que não de servir tão bem aqui quanto as de Luisa Crick depois do revisitar das imagens de arquivo da sua família que a levou à TRAÇA - Mostra de Arquivos Familiares, que nesta segunda edição se espalha, entre hoje e domingo, pelo bairro da Madragoa: "Se uma imagem vale mil palavras" – diz ela a quem pertence uma das três coleções particulares que deram origem à programação – "façam-se as contas a 24 imagens por segundo".

Pois não será sobre fotografia a TRAÇA, antes sobre os filmes de família que foram chegando ao espólio do Arquivo Municipal de Lisboa-Videoteca – alguns deles de origem desconhecida. "Imagens produzidas em casa, normalmente feitas para serem vistas aí", notam as programadoras, Inês Sapeta Dias e Fátima Tomé, que numa programação de três dias as recuperaram num gesto de trazer o privado para a história da cidade. Histórias dentro de histórias para ajudar a construir "uma outra história". O privado e "o obliterado, o censurado, o que não constituiu o acontecimento" – o banal que de banal terá pouco, havemos de perceber, até porque são justamente os arquivos de origem desconhecida – filmes perdidos, esquecidos e reencontrados, a fazerem-nos questionar que relação temos com a memória afinal – que Maria Filomena Molder comentará, nas projeções por vários locais do bairro, sobre as quais também Daniel Jonas fará leituras encenadas.

Uma outra história que se constrói num desmultiplicar de olhares e de vozes que na TRAÇA aparece como a face visível do trabalho que nos últimos anos vem fazendo a Videoteca do Arquivo Municipal de Lisboa, a partir de registos que remontam à década de 1930 e que viajam no tempo, atravessando formatos, dos 9,5mm às VHS da década de 1990 em que nos chegaram, por exemplo, os arquivos de Acácio de Almeida que, em conjunto com os de Maria Manue-



la de Sousa e de Luisa Crick, constituem o ponto de partida para a programação desta segunda edição da mostra que acontece a cada dois anos num novo bairro de Lisboa.

Para domingo à noite está marcada na Madragoa uma conversa/performance a partir de um conjunto de arquivos de vídeo familiares, mas isso será só o final. Entretanto, a partir de hoje, um conjunto de artistas convidados em parceria com o festival de artes performativas Alkantara fazem-se também arquivistas, historiadores, ao apresentar uma série de performances/espetáculos construídos a partir dessas três coleções um pou-

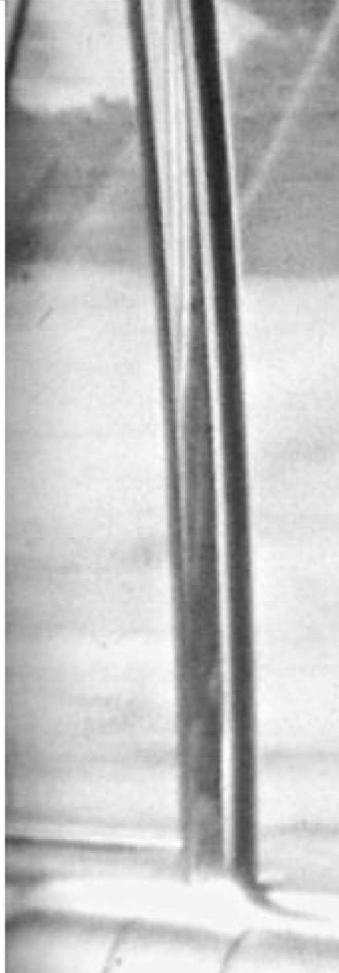
co por todo o bairro, do Centro Comunitário da Madragoa aos Vendedores de Jornais Futebol Clube.

Além de filmes de família projetados por toda a parte, haverá então para ver ainda "Fantasmas", do brasileiro Alex Cassal, "Até eu descobrir o voo no mar", de Isabel Abreu, a partir de depoimentos recolhidos na Madragoa e de uma história de Dulce Maria Cardoso, "Eu fui mexer nas coisas todas", de Jorge Silva Melo e Miguel Aguiar, a partir de um depoimento de Maria Manuela de Souza, e ainda "Rua de São Félix", de Raquel André, "De um lado e do outro", de Sofia Dias e Vítor Roriz, e "Histórias de um amor", de Sofia Dingler.

"Estamos ainda no início deste trabalho e só são muitos os filmes que nos têm chegado (temos uma recolha aberta em permanência) continuam também a ser muitas as imagens perdidas", sublinham as programadoras, lembrando estatísticas que estimam que apenas 1% dos filmes de família em todo o mundo estão "a salvo". "Continuamos a ouvir pessoas dizerem-nos que os seus filmes não têm interesse, continuam a chegar-nos latas de película compradas em feiras, encontradas na rua, descartadas por aqueles a quem pertenceram", dizem elas que veem como "misteriosas as razões desse descarte".

"São muitos os filmes que nos têm chegado (temos uma recolha aberta em permanência)"

"Continuam a chegar-nos latas de película compradas em feiras, descartadas por aqueles a quem pertenceram"



i

13-10-2017

Periodicidade: Diária
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 80000

Temática: Cultura
Dimensão: 1802 cm²
Imagem: S/PB
Página (s): 34/35



01 Frame de um dos filmes familiares de origem desconhecida do arquivo da Videoteca que serão exibidos nesta TRAÇA

02 "Ver-me tão jovem, a minha filha bebé, obrigou-me a fazer um esforço de memória, relembrar amigos e episódios esquecidos", comentou Luísa Crick sobre este vídeo da sua coleção

03 e 04 Dois registos da coleção de Maria Manuela de Sousa, que, a par das Luísa Crick e Acácio de Carvalho, constituíram a base de criação das performances que os artistas convidados apresentam entre hoje e domingo na Madragoa